

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



Já que o actual ministro da Justica observou que o Sr. Coelho Bastos tem a mania da crueldade, parece-nos de toda conveniencia mettê-lo durante 24 horas nas taes escuras, e pedir-lhe, em seguida o seu parecer. Se dependesse de n?



ANGELO AGOSTINI

Domingo, 8 do corrente, anniversario natalicio do director d'esta folha, foi-lhe offerecido, por diversos amigos, um al moço no *Hotel do Globo*.

A festa correu muito animada, reinando a maior cordealidade e entusiasmo, sendo o nosso amigo muito festejado.

Achavam-se presentes os seguintes senhores: Angelo Agostini, João Clapp, Dr. Monteiro de Azevedo, Dr. Pires Brandão, José do Patrocínio, Julio Harling, André Gonçalves de Oliveira, José de Seixas Magalhães, Furtado Coelho, Pontes Junior, João de Pinho, Dr. Felipe Wanderley, Dr. Bricio Filho, Eduardo e Eugenio, filhos de Angelo Agostini, Pereira Netto, Fritz Harliug e Luiz de Andrade.

Ao meio dia, os convivas tomaram os seus lugares, e á 1 hora foi servido o champagne, trocando-se muitos hrindes.

Cêrca das 3 horas, tendo o Sr. Pontes Junior, feito um brinde a S.A. Imperial a Regente, foi esse brinde considerado de honra, levantando-se a reunião.

Agradecendo aos amigos, que tomaram parte n'essa manifestação e á imprensa as palavras animadoras, que dirigiu ao nosso collega e amigo, aqui lhes apresentamos os testemunhos de gratidão, da *Revista Illustrada*, que, na medida das suas forças, tem procurado contribuir, quanto possível, para o progresso e para o bom nome do nosso paiz.

OS MILAGRES DA ABOLIÇÃO



CONSELHEIRO Paula e Souza, era o typo do escravocrata intransigente.

A um dos nossos homens de letras, elle dizia, que se libertasse os seus escravos, continuaria a ser o que era, por amor dos escravos dos outros.

Não havia, para o ex-ministro do gabinete Martinho Campos, abolição possível, de nenhum modo e em tempo algum.

O movimento abolicionista de S. Paulo, porém, transfigurou-o, e os jornaes publicam uma carta sua, que é a maior apologia que se póde fazer, ao abolicionismo.

Paula e Souza teve, como quasi todos os lavradores, de libertar os seus escravos, em numero de 500, para não os perder — e é elle mesmo, que, em carta ao deputado Zama, conta as maravilhas do novo regimen.

Seus antigos escravizados, permaneceram, todos no trabalho, com satisfação, de parte a parte.

Os factos que S. Ex. relata são todos eloquentissimos, e levam-n'o a aconselhar aos lavradores, seus collegas, que libertem incondicionalmente os seus trabalhadores, pois é a unica solução possível e vantajosa.

E' a sua experiencia é a sua insuspeição de escravocrata, convertido em apostolo da abolição, quem diz e quem prova por factos, que a abolição é a grandeza do Brazl.

Um facto, porém, por elle relatado, merece especial menção e por si só basta para classificar a reforma do trabalho, como uma medida sacrosanta.

Conta S. Ex., e todos sabem, que, em cada fazenda, vivendo das aparas do serviço escravo e da munificencia do fazendeiro, havia uma população duvidosa, de aggregados ou de capangas. entregues á ociosidade ou ao crime.

Com a nova ordem de cousas, essa população fluctuante e perniciosa, vendo garantias e proventos ao seu trabalho, está entrando, toda, alegremente, para o regimen agricola, tão attractivo, tão remunerador e tão benefico, quando o não deshoura a existencia do escravo!

Só isto, vale um poema, e enche de desvanecimento, os que, nas épocas adversas, com a força das convicções irreductiveis, pugnavam pela liberdade de todos os brasileiros!

Vêr entrar esses bandos de ociosos e de capangas, que viviam como parasitas dos fazendeiros, no regimen da vida mais purificadora, nos trabalhos do cafezal ou do terreiro, com animação e esperança, é um milagre, que só a santidade da abolição podia produzir!

Hontem, esses bandos ganhavam a sua manutenção, pelo crime. Hoje, são lavradores, organisam a familia e amanhã serão abastados proprietarios.

Decididamente, os factos encarregam-se de dar ás Cassandras do esclavagismo, os mais formaes desmentidos, e, pelos mesmos orgãos das versões terroristas.

N'uma palavra, da carta de um dos mais ferrenhos sustentadores da escravidão, hoje convertido, pela experiencia, á causa da liberdade, vê-se que a abolição é para o Brazil um patrimonio tão grande, como todas as suas riquezas naturaes juntas.

O trabalho escravo transformou-nos em Tantalos, morrendo de sede, á beira do Amazonas.

A liberdade, converte e transfigura nosso paiz em uma verdadeira Terra da Promissão!

A carta do Dr. Paula e Souza honra-o muito. Prova que é um homem sincero, que deixa de insistir no erro, logo que a sua convicção, a tal respeito, se abala.

Que os convertidos, pois, nos deem algum descanso e se encarreguem de levar a bom porto essa reforma, por que todos anciamos.

E' justo.

S. Marcial



Tivemos o prazer de receber a visita de Horacio de Carvalho, distincto moço paulista, uma das maiores esperanças da geração nova, d'aquella prospera e adiantada provincia.

Horacio de Carvalho era nosso velho conhecido, pois que, tendo nós por habito ler os jornaes de S. Paulo, frequentes vezes deparamos com o seu nome e com apreciações ao seu talento, feitas pelos collegas de S. Paulo e Campinas.

Recentemente, ainda, leramos as mais animadoras palavras sobre um trabalho que o apreciado litterato tinha concluido — *O Chromo*.

Foi, para nós um verdadeiro prazer ligar o nome á pessoa e conversar, algum tempo, com o sympathico moço.

Horacio de Carvalho veio tratar da publicação do seu romance, que, em breve, estará á disposição do publico.

Vamos empregar esforços para conseguir uma pagina do livro, que publicaremos no proximo numero.

Saudando-o, cordialmente, o distincto, litterato, associamo-nos aos testemunhos de apreço que os nossos collegas d'aqui e de S. Paulo, já lhe teem dado.

E, por nossa vez, ficamos aguardando, com impaciencia, a publicação do seu livro.

Um fazendeiro, possuidor de uns 100 escravos, tendo ficado sem um só, escreveu a um filho, que estava em S. Paulo, dizendo-lhe que procurasse um emprego no commercio, visto não poder-lhe mais enviar mezada.

Uma pessoa, ao saber disto, exclamou:

— Veja que desgraça...

Responderam-lhe, logo:

— Qual, desgraça! E' de menos, um bacharel e mais cento e um trabalhadores.

A lista dos candidatos, contra o Sr. Ferreira Vianna, já não é pequena!

Vejam, só:

Conselheiro Ruy Barbosa,

Dr. Alfredo Valdetaro,

Barão do Ladario,

Dr. Freitas Coutinho,

Dr. Henrique de Carvalho,

Dr. Pereira Tavares,

Quintino Bocayuva.

Sete pessoas distinctas e nenhum candidato verdadeiro!

Um sujeito, depois de ler o jornal *Novidades*, chama-lhe eunucho.

— Mas, porque trata, assim, esse orgão?

— Veja o titulo.

— O que tem?

— Está mutilado.

— Não comprehendo...

— Pois não vê que lhe cortaram o artigo?

A *Gazeta Nacional*, de domingo ultimo, dá um programma aos republicanos, que nos parece inconveniente para ser trazido a publico e em artigo de fundo.

Diz o sympathico collega, pouco mais ou menos, o seguinte:

— Juntemo-nos, estreitemo-nos, afim de obrarmos juntos...

Shoking!

Dominó.

REVISTA FINANCEIRA



AS CRIANÇAS perversas, delectam-se, ás vezes, em collocar um alfinete, de ponta para o ar, no assento de uma cadeira, de modo que, quando um infeliz vae baixando uma parte certa do corpo, para sentar-se, tem de repente de dar um pulo e de fazer umas evoluções, para cima, que as põem em franca hilaridade.

Foi o que aconteceu ao cambio!

O biltre, acostumado a dominar tudo, e a receber caricias do ex-ministro da fazenda, andava de muito máu humor com o Sr. João Alfredo, um homem seccarrão, n'estes negocios do thesouro.

Por pirraça, o tyranno do commercio, começou a fazer o corpo molle e a descer, como quem quer sentar-se ou pôr-se de cócoras.

Toda a gente começou a gritar e o perfido, cada vez, a descer mais.

Um escandalo!

N'isto, parece que alguém teve a feliz ideia de applicar-lhe o brinquedo das crianças prodigiosas d'esses *bebés*, a que os paes acham muita graça, mas, que em certos momentos, fazem a gente ter pena de que ja não existam Herodes...

De modo que, quando o cambio ia descançar, n'um nivel bastante baixo, essa parte sensivel do seu corpo, o ministro da fazenda pôz-lhe um emprestimo, de ponta para o ar, que obrigou o biltre a dar um pulo de tal ordem, que, quasi arrombou o telhado, com a cabeça.

Bem feito!

Seis milhões sterlinos, a 97, com juros de 4 1/2 por cento (coisa nunca vista) fizeram mais do que o papel de alfinete: fizeram o de espêto em braza.

Anda-me assim!

De tantos delictos é responsavel o cambio, que só mesmo empallado vivo, n'um espeto quente, pela força do seu peso e dos seus crimes!

— Bravo, Sr. João Alfredo! Então, sempre ha um ministro, que não o Sr. Belizario, capaz de attrahir capitaes ao Brazil, para tudo o que se precisar, realisando a utopia da lavoura, dos juros modicos e a prazo longo?

Quem o diria?

Oh! E' tão facil ser ministro da fazenda, em em paiz como o nosso, que é hoje o maior iman de capital do mundo, pela colossal remuneração e segurança que lhe promette!

Mas, cuidado, porque um novo flagello se annuncia.

E' preciso, tambem, que o cambio não suba demasiado, ficando, como os deuses, com a cabeça entre as nuvens.

Eu, se fosse ministro da fazenda, aproveitando algumas chapas rhetoricas, resolvia, de vez a questão do cambio, pondo-lhe em baixo um espeto quente e em cima uma espada de Damocles.

Queria ver se o sujeitinho ficava ou não quieto...

Ora, em finanças o espeto quente é a expansão da renda ou a chamada de capitales estrangeiros.

A espada de Damocles, é a ausencia de syndicatos ou de conluios mysteriosos.

Tão facil!

O cambio, que tanto se tem rido de nós, está agora a servir-nos de palhaço, e a fazer-nos rir a bandeiras despregadas, com as visagens que faz.

Anda, pérfido, aguenta-te!

Chama pelo Sr. Belizario, a ver se te acóde!

E, como é agradável vêr um tyranno n'essa posição commoda.

Anda, cambio!

Aguenta-te no balanço.

João da Cruz

ACTUALIDADES



RA nossa intenção publicar, sob o titulo de *Actualidades*, os principaes trechos em que os nossos poetas cantaram a sorte do escravo, preparando assim, pelo sentimento, a solução do grande problema abolicionista.

As datas, taes como 1865, 1868 e outras, ainda anteriores, justificavam o no-so titulo de actualidades.

A primeira das poesias que tencionavamos publicar, era a de Fagundes Varella, intitulada o escravo, composição inspirada, grandiosa, e vibrante aonde a alma genial do artista, vasava todo o seu sentimento.

Essa poesia, vem na collecção das *Meridionaes*, publicada em 1869, e portanto é de data anterior, isto é, tem mais de 20 annos.

Ao relel-a, porem, vimos que o poeta, seguindo as ideias do tempo, que não exigia que todos os versos fossem rimados, deixára esse magnifico trecho passar com tal defeito.

Mas, oh! milagre da inspiração! se o poeta não rimava o primeiro e terceiro verso, o quinto e o setimo, elles, com ligeiras alterações da fórma, conservando toda a belleza original do éstro de Varella, podiam ficar completos, pois as rimas, quasi que saltavam espontaneas.

Lembramo-nos, então, de alteral-os, fazendo-os rimar.

Quer-nos parecer que a poesia ganha em vigor com essa modificação superficial, que fizemos, e que sae quasi espontanea da lei-

tura d'esses versos por um espirito um pouco exigente, em materia de forma.

Passamos a dar poesia, que é um dos mais bellos e sentidos trechos, que a sorte dos miseros escravos inspirou a um coração magnanimo.

O ESCRAVO.

(Ao Snr. Thomaz de Aquino Borges)

Dorme! — Bemdito o archanjo tenebroso
Cujó dedo immortal

Gravou-te sobre o peito tristuroso
O sigillo fatal.

Dorme! — Se a terra devorou, sedenta,
Do teu rosto o suor,

Mãe compassiva, agora te acalenta
Com zelo e com amor.

Ninguem te disse o adeus, no teu calvario,
Ninguem por ti chorou!

Embóra! A humanidade em teu sudario
Os olhos enxugou!

A verdade luziu, triste conforto,
Dos teus irmãos á grey.

Se vivo foste escravo — és livre, morto.
Pela suprema lei.

Tu suspiraste como o hebreu, na escolta,
Saudo do Jordão,

Pesado achaste o ferro da revolta
Não o quizeste não!

Lançaste sobre a terra, por fraqueza,
O teu proprio poder.

Contra o direito e contra a natureza,
Preferiste morrer.

Do augusto condemnado as leis são puras,
São leis porem de amor.

Por ti e pelas outras creaturas
Preciso era o valor.

Não o tiveste! As punições atrôzes
Mataram-te a razão!

Dobrado captiverio! A teus algôzes
Dobrada punição.

Porque, nos teus momentos de supplicio
De agonia e de dôr

Não chamaste da Africa o flagicio
O vento assolador?

Elle traria a força da procella
A' tua alma sem tê.

Nos rugidos dos tigres de Benguella
Dos leões de Guiné

Elle traria o fogo dos desertos
O sol dos arcaes,

O vozear de teus irmãos despertos
E o brado de teus paes.

E te daria ás fibras maceradas
A raiva do suão,

Quando, agitando as crinas inflamadas
Fustiga a solidão!

Então, erguêras, resoluto, a fronte
E, grande, em teu valor

Mostráras dentro da tu'alma insonte,
A voz do Creator.

Mostráras que das sombras e dos crimes
Tambem rebenta a luz!

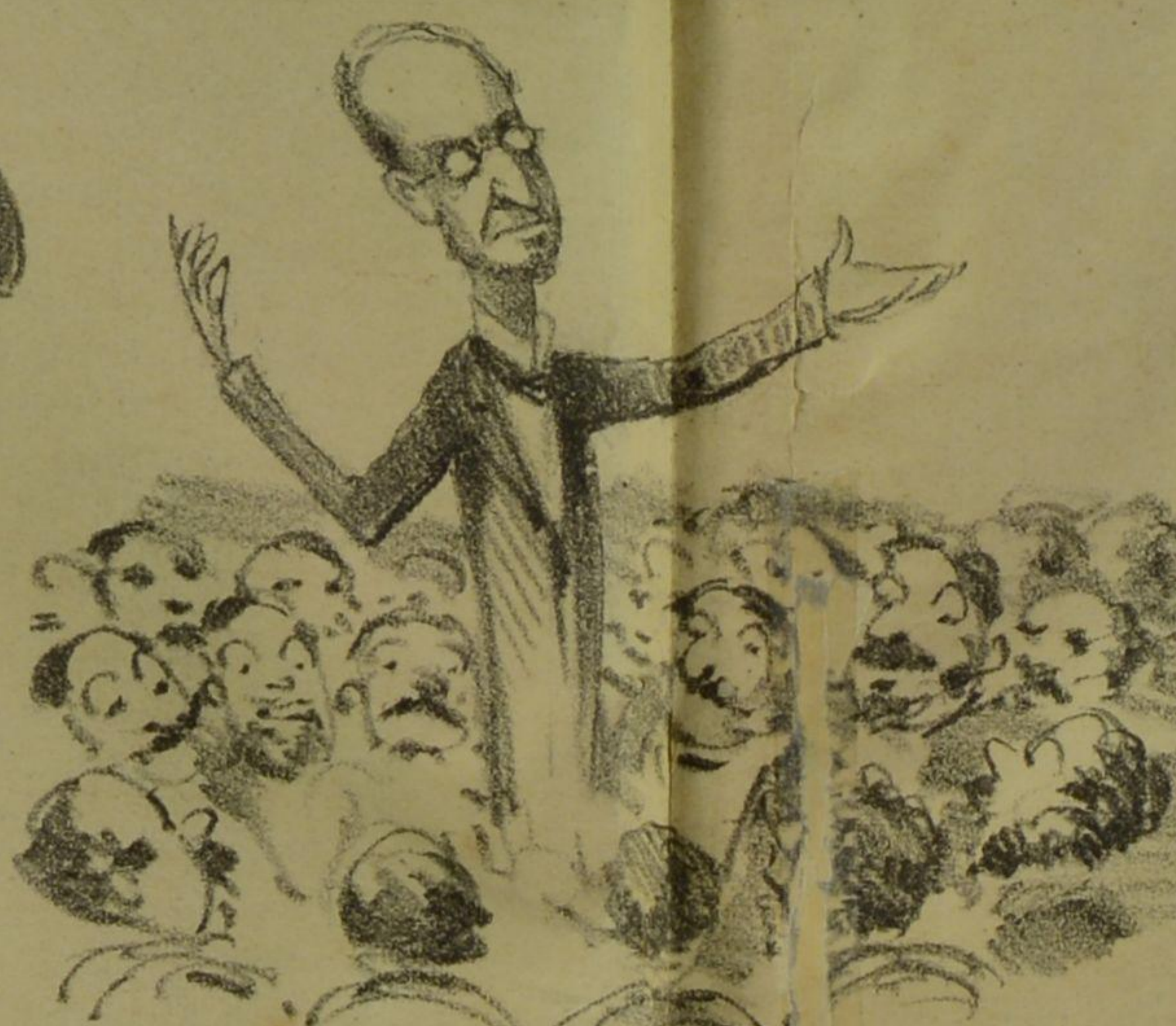
Oh! Teus grilhões seriam tão sublimes,
Tão santos como a cruz!



A "Revista Illustrada" continua no gozo da mais perfeita saúde, graças a não ter esbarrado em nenhum bond. É extraordinário o numero de bondicidios que tem havido ultimamente, por não applicar-se nenhum sistema de salva-vidas.

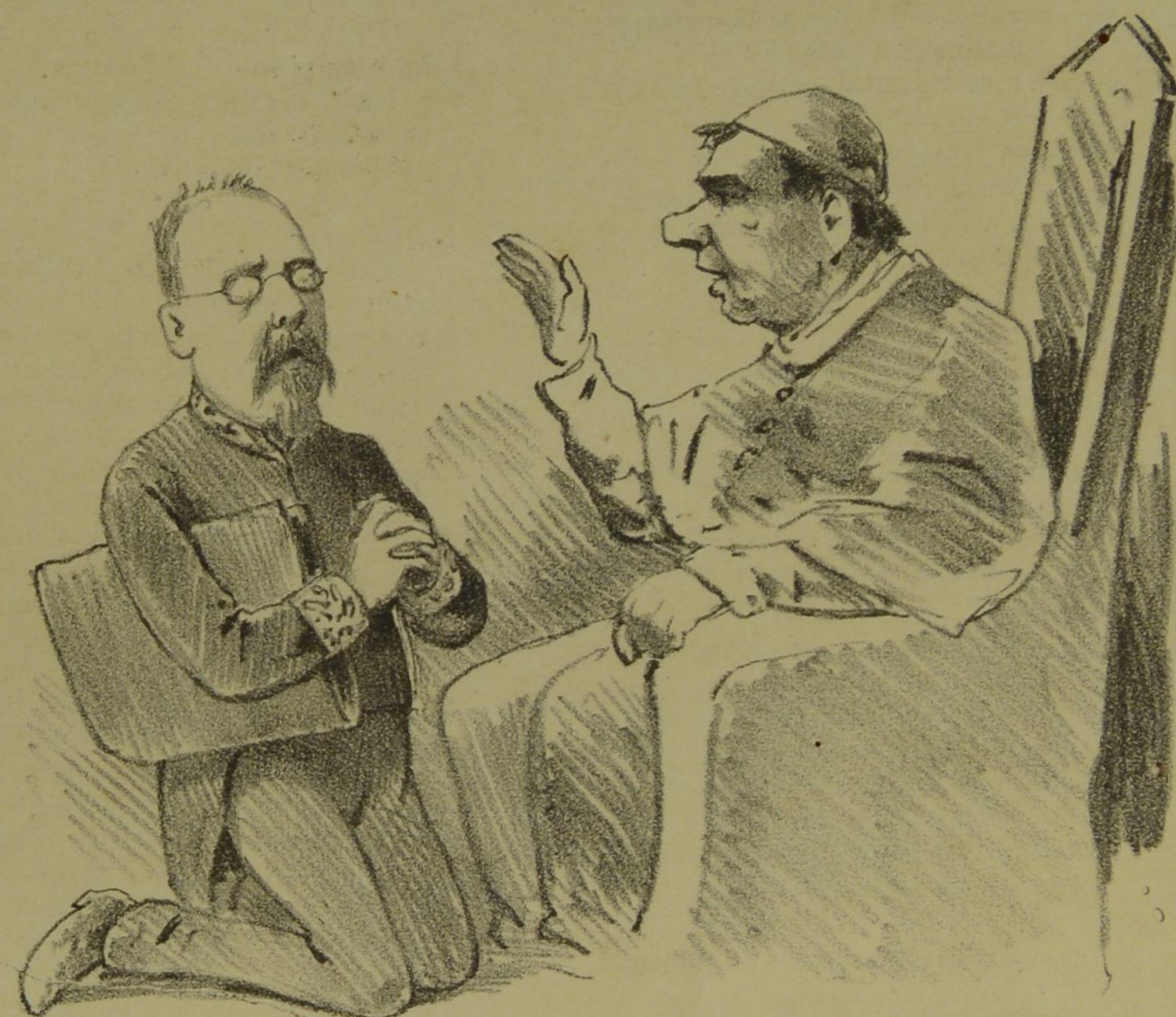


Consta que o Sr. Paulino, a proposito de eleições, tem andado á procura de algum gato morto liberal para atiralo ao Sr. Vianna, mas que sahio de uma certa casa corrido e arrastado por um gato muito vivo e ainda mais assanhado.

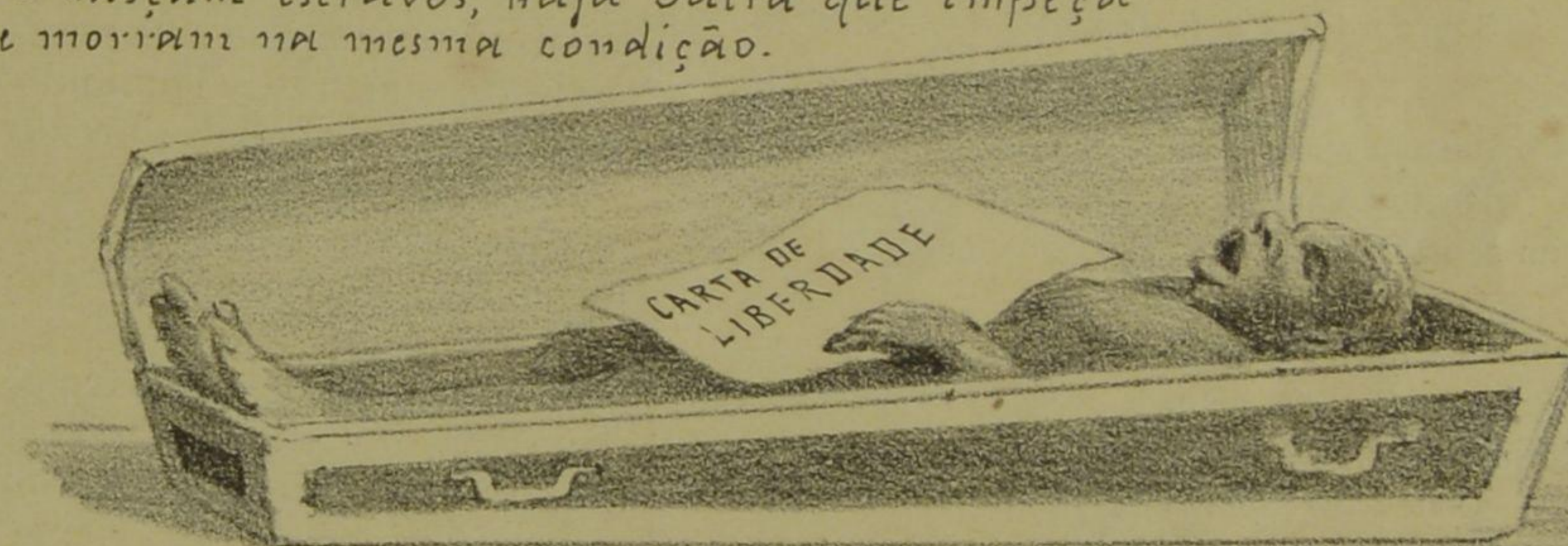
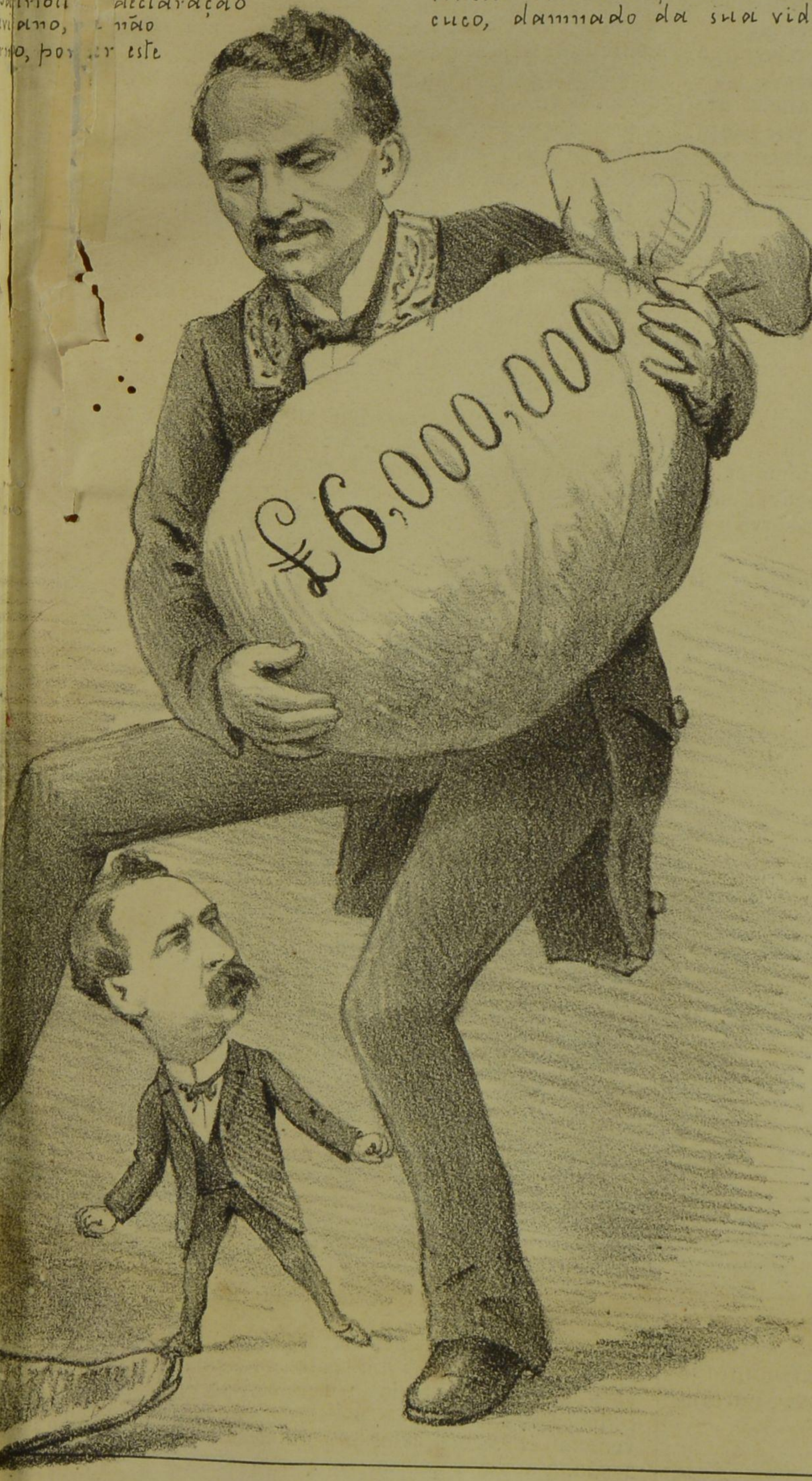


Que á vista da patriótica declaração do senador Octaviano, não hostilizar o governo, por ser este abolicionista,

o chefe escravocrata da provincia retira-se para o Matucuco, damnado da sua vida.



A Camara municipal, vendo a inutilidade do seu livro de ouro, com este novo governo, foi queixar-se ao bispo. Este respondeu: - É justo que havendo uma lei que impede que nasçam escravos, haja outra que impeça que moriam na mesma condição.



Filo que disse o Sr. bispo, deduz-se que não importa que um preto passe toda a sua vida na escravidão, contanto que á hora da morte lhe seja entregue a carta de liberdade para gozal-a no outro mundo.



Usando dos nossos direitos civis e politicos e entendendo que a abolição está em primeiro lugar, entre todas as reformas, a "Revista" dá o exemplo do verdadeiro patriotismo, votando como se vê acima.

No novo emprestimo não resta a menor duvida que Sr. João Alfredo passou o perna ao Sr. Belisario, e que o commercio vê hoje que o ex-ministro da fazienda não era tamarco como parecia em materia de finanças,

o que prova tambem que os Rottchils e capitalistas ingleses tem mais confiança nos que acompanham os progressos do país do que nos que andam em carros de bois.

Mas, morreste sem luctas, sem esperanças,
Sem um grito, sequer!
Como a ovelha no altar, como a creança
No ventre da mulher.
Morreste, sem mostrar em tua face
Uma chispa do ceu
Como se um crime sobre ti pesasse,
Como se fôras réu!

Sem defesa, sem prece, oh vituperio!
Sem cyrio, sem caixão,
Passaste da senzalla ao cemiterio,
Do lixo á podridão,
Tua essencia immortal aonde é que estava?
Onde as leis do Senhor?
Digam-n'o o tronco, o açoite, e a furia brava
Das ordens do feitor!

Digam-n'o as ambições desenfreadas
A cobiça fatal
Querendo eternidades enfeixadas
N'um circulo mórtal!
Digam-n'o o luxo, as pompas, os brocados,
Lacaios e brazões
Thesouros sobre o sangue amontoados
Paços sobre vulcões,

Digam-n'o as almas vis das prostitutas,
O lodo e o setim,
O demonio do jogo, a febre, as luctas,
Em ondas de rubim!...
E, no entanto, tinhas um destino
Uma vida, um porvir,
Um quinhão, d'esse gozo perigrino
Sobre a terra a fruir.

Eras o mesmo ser, a mesma essencia
Do teu barbaro algoz:
Foram seus dias, rosea transparencia
Os teus, de pena atroz!...
Patria, familia, ideias, sonhos, calma,
Crenças, religião,
Tudo matou-te, em flor, no intimo d'alma
O dedo da oppressão.

Tudo, tudo abateu sem dô nem pena!
Tudo, tudo! meu Deus!
E o teu olhar, oppresso na gehena,
Esqueceu-se dos céus!...
Dorme! bemdicto o archanjo tenebroso
Cuja cifra immortal
Sellando-te o sepulchro abriu-te o gozo
Da luz universal.

1868.

J. V.

Bellas-Artes

Antes de proseguir n'este artigo, que começamos no numero passado, seja-nos permittido endireitar aquillo que sahiu torto e pôr as cousas de modo a que se comprehenda o que parece incomprehensivel.

Trata-se pois de uma errata.

Em lugar de «S. A. observou ao poder executivo que a tal commissão que *deve passear*, não estava legalmente constituída etc» como sahiu publicado, leia-se: ... que a tal commissão que *deu parecer*, não estava etc.

Ora, entre, «passear» e dar «parecer» ha uma grande differença.

Dado este pequeno cavaco e collocados as cousas nos seus eixos começamos, ou antes continuamos.

O Sr. Bithencourt da Silva, profundamente escamado com a annullação do concurso, e offendido em seus brios entendeu dever acompanhar a resolução tomada pelo director da Academia, e pediu a sua aposentadoria. Damo-lhe os parabens; não podia fazer cousa melhor.

Os dois outros membros da commissão julgadora Mafa e Medeiros depois de bem pensar sobre o caso e pesar as vantagens e desvantagens que resultariam de um pedido de demissão, que provavelmente seria aceito, e talvez com entusiasmo, resolveram engulir a pilula, com uma coragem digna de melhor cousa.

Começaram então a comprehender que as cousas mudaram e que o merito e a sidade vinham substituir a ignorancia artistica e a manhosa direcção, que por tanto tempo imperaram na nossa Academia em deprimento das bellas artes, atrophando estas por todos os modos, impedindo as de desenvolverem-se e mostrando a maior má vontade contra os alumnos, que revelavam verdadeiro talento e de quem se podia esperar alguma cousa, para o futuro.

A chegada de Rodolpho Bernardelli é que occasionou essa revolução, simplesmente por ser elle um verdadeiro artista, honesto e sizado. Tomando a serio o seu cargo de professor, procurou introduzir varios melhoramentos e um systema mais moderno de ensino, em beneficio dos proprios alumnos, que elle desejava ver progredir.

Foi quanto bastou para conquistar a antipathia do illustre seerretario, que não admittia que lhe viessem bulir na academica igrejinha.

O Sr. Bethencourt não tardou a alliar-se ao Sr. Mafra, na antipathia votada ao Bernardelli, pelo facto de este declarar e provar que a reconstrucção da Academia tinha completamente inutilisado todas as salas ds estudo, a ponto de não ser mais possivel ensinar nem desenho, nem pintura, nem esculptura, nem cousa alguma.

Na verdade, essa opinião não é só do Bernardelli, é da e todas as pessoas qge a nossa Academia das Bellas Artes.

Entretanto, o Sr. Bethencourt diz cobras e lagartos desse grande artista, que tanto honra a arte nacional e de quem deveria orgulhar-se de ser collega.

Muito nos admira esse proceder do director do Lycêo, em quem ninguem pode negar intelligencia e que passa ou deseja passar por um apostolo das bellas-artes e propagador das mesmas.

E' forçoso confessar que no caminho que elle toma, seja na construcção dos edificios applicados ás artes, ou na sua admiração ou antipathia, que elle dedica aos artistas, elle anda completamente errado.

Com certeza, elle tem consciencia d'isso, e esderamos que, mais tarde (entretanto já é tempo!) elle mude de parecer, entrando no bom camingo.

(Continúa).

X.

Relicario

Livro original e impregnado de um forte aroma campesino, vibrante dos gorgeios de aves ignotas, emballado, todo elle, n'esse descante pastoril, saudoso e longinquo, que nos chega aos ouvidos na confusão maviosa, dos murmurios da floresta, do cantico das zagallas, das queixa dos rios, com a candidez do amor primitivo tal é o livro, que, com o nome de *Relicario*, nos chega de Santos.

Leem-se, de um folego, essas 80 paginas meigas e coloridas, nas quaes a harmonia do verso nos canta ao ouvido uma canção de outros tempos, e onde as imagens, vividas e impressionistas, por vezes, nos arrancam um bravo.

Vicente de Carvalho, ou antes, o Dr. Vicente de Carvalho, seu auctor, é um contemplativo, a quem a natureza seduz, a quem a paysagem attrae, de modo que o seu livro, a cada passo, nos faz evocar a recordação de horas passadas no campo, entre as grandes arvores, absorto na contemplação da natureza.

Emmoldurado em uma forma muito cultivada e correcta, tem, comtudo, um tom candido e nativo, que attrae, que encanta, como tudo o que é puro e infavel.

O amor atravessa-o, de principio ao fim, como um claro meandro de agua corrente, dirivando entre as relvas e murmurando queixas balbuciantes.

Mixto de arte e de expontaneidade, o seu tom captiva, devéras, e deixa no espirito uma vibração musical, que perdura.

Vicente de Carvalho já era nosso conhecido. O seu novo livro, todavia causou-nos a surpresa de uma impressão nova, doce e original, como quando na grande instrumentação da orchestra, soa uma volata, simples e melodiosa, intercalando-se aos cantos longinuos dos aldeãos. O *Relicario* é um livro attrahente e que deixa as mais gratas impressões.



NOTAS RECOLHIDAS

REVISTA DE 1887

Sabbado, ultimo, subio pela primeira vez á scena, no palco do Sant'Anna, a revista do anno, cujo titulo nos serve de epigraphe, letra de Lopes Cardoso e musica do Dr. Cardoso de Menezes, sob a razão theatral de Lopes & Cardoso.

Começaremos dizendo, que um dos melhores e mais importantes papeis, cabe, na peça dos Srs. Lopes & Cardoso, á *Revista Illustrada*, que acompanhando a Historia, figura em quasi todos os quadros, ora fazendo a critica dos acontecimentos, ora explicando-os ao personagem que tem de os recolher.

Essa parte da peça, devéras honrosa para nós, lançar-nos-hia certa suspeição, para dizer o que d'ella pensamos, se em tudo quanto fizeram os auctores, não estivessem elles em completa liberdade de acção, a nosso respeito, sem laço algum

que os ligasse á *Revista Illustrada*, e sem o mais leve precedente que podesse forçar a sua benevolencia, a não ser a sympathia, que, como jornalistas, por ventura, lhes tenhamos inspirado.

E, aqui o dizemos, bem alto: só no dia da representação, o auctor destas linhas soube que a *Revista Illustrada* tinha na peça uma parte tão importante! Os auctores levaram o seu escrupulo, a ponto de nos prepararem, com um segredo absoluto, a agradável surpresa que tivemos na noite de sabbado.

Um d'elles pôz-nos, mesmo, á vontade, declarando que tendo necessidade de um personagem critico, representado por um jornal, não fôra atormentado pela difficuldade da escolha e que a *Revista* occupara esse primeiro lugar pela razão, muito concludente, de não haver outro jornal da mesma feição critica, para quem appellassem.

— Não tem que agradecer nos, — disse-nos um dos auctores — a escolha que fizemos. Não foi amabilidade; foi falta de concurrentes...

Dadas estas razões, crêmos que ante o leitor sincero ficamos com a nossa auctoridade moral intacta, para dizermos as impressões, que trouxemos da peça.

São ellas as seguintes.

A revista dos Srs. Lopes & Cardoso é um primor, um bello trabalho litterario e artistico, muito superior ás exigencias do genero, architectada com habilidade, cheia de scenas, ora divertidas, ora impressionadoras, fazendo voar as horas, com encanto, e proporcionando ao publico um espectáculo, tão divertido, quanto elevado.

Logo ao começar, o publico sente-se superiormente impressionado com a symphonia da abertura, que é um bello trecho musical do Dr. Cardoso de Menezes.

Em seguida sóbe o pano e assiste-se a uma scena em que o anno de 1886 se despede de nós, para dar lugar ao de 87.

Um pouco antes da meia noite, eis que, bruscamente cae em scena um ovo, de tamanho respeitavel, que a gente logo adivinha que traz no bojo o anno, a cuja historia viva, vae assistir.

Ao som da duodecima badalada de um relógio, que deve regular bem, eis que o anno, rompe o ovo e surge em scena, tornando-se a acção, logo animada e divertida, com o apparecimento de 12 graciosas folhinhas, que fazem varios passos de dança, e arrancam o primeiro involucro dos seus bloks, marcando o dia 1.

Tão interessantes são as scenas a que o espectador assiste, que se pôde dizer que ellas fazem voar o tempo. E' por isso que, logo, alguns personagens começam a notar que a aurora está tardando, que se está fazendo de rogada, o que obriga o anno de 1887, a chegar ao fundo e a clamar, com voz imperiosa:

— Essa aurora... que saia l...

De repente, o horisonte se illumina com o primeira rosicler da madrugada, o qual como frequentes vezes acontece, vem acompanhado de uma boa carga de agua.

Ha um effeito de chuva de prata, illumina a luz electrica que é esplendido. A aurora entra em scena, e obedecendo á fatalidade da intemperie da estação — vem na chuva.

Esta scena é graciosissima, delicada, encantadôra.

Rose Villiot, em toilette de aurora, tão chic e artistico, que tem a castidade das estatuas nuas dos grandes mestres, entra em ligeiras ondulações e conta em bonitos versos, que vem de um banquete opiparo entre os Deuses, e por isso é que n'esse dia, se mostra aos mortaes... na chuva.

Tão graciosos são os versos, tão discretos os movimentos, toda a scena dentro de limites tão escrupulosos, que, d'esse episodio, fica apenas uma impressão agradável e humoristica, admirando-se a arte com que um episodio melindroso é tratado, de modo a não lembrar nada de burlesco nem de *shaking*.

A aurora na chuva, é uma cousa frequente. Mas como ella é uma densa, o episodio em nada se parece com os que se dão entre os homens.

Este é o prologo, e d'elle diremos que causou tão agradável impressão, que muitas pessoas começaram a receiar pelo exito da peça, visto como o principio era de muita força e talvez prejudicasse as scenas seguintes.

D'ahi, por diante, segue-se a revista dos acontecimentos, apresentados com originalidade, graça e verdade.

A arena da imprensa, tambem muito discreta, com ligeiras allusões, posto que longa, pareceu brevissima a todos. E' um episodio divertidissimo e traçado com summa habilidade.

O naufragio do «Rio Apa», é preparado com tal arte, que causa a commoção de um grande lance dramatico, dos de maior effeito, que conhecemos.

O publico sente-se impressionado, os corações pulsam — e os applausos estrondeiam em toda a salla.

A questão militar é apresentada e desenvolvida, com toda a naturalidade e irresistivel força humoristica.

Iriamos muito longe, tentando, mesmo de leve, esboçar as principaes scenas.

Não podemos fazel-o — seria preciso dar um supplemento — mas diremos, que nenhum facto importante do anno escapou ás *Notas recolhidas*. Lá figuram todos elles, com muita naturalidade, chegados a proposito e apresentados de um modo que causa admiração.

A formosa peça dos Srs. Lopes & Cardoso, tem de principio a fim, um tom acentuadamente abolicionista.

Muito bem! Muito bem!

A revista, tem, pois, concepção elevada, execução litteraria e astistica de notavel primor, effeitos comicos e dramaticos impressionadores, graça e *calembourgs*, a valer.

Tem muitos versos bonitos e muitos numeros de musica original.

Está perfeitamente ensaiada e posta em scena com luxó.

Os scenarios, devidos aos artistas Coliva e Carrancini são esplendidos.

A *mise-en-scene*, é como todas as do Sant'Anna.

Quanto ao desempenho, achamol-o tambem excellente.

Rosa Villiot vae tão bem, que dir-se-hia ter-se encarregado de um papel, expressamente escripto para ella.

Aliverte, satisfaz. Comprehende-se que o papel de Historia pudesse ter mais alguma animação e colorido, todavia o que ella nos dá, é bom.

Vasques vae perfeitamente, desde a scena do ovo, até á apothose da libertação do Brazil.

Seria, apenas, para desejar, que o passamento do anno, não se prolongasse com tantos estertores, n'uma scena de apothose, pois a attenção dos espectadores é sollicitada, ao mesmo tempo, para duas scenas oppostas: a morte de um velho

(o anno de 87) e a entusiastica apologia da abolição, n'uma scena de alegria e de entusiasmo.

Difficil conciliar os sentimentos, que os dois factos simultaneos despertam.

O resultado é a morte do anno, prejudicar o effeito arrebatador do quadro final.

Peixoto, fez admiravelmente os papeis de que se encarregou. Este actor é uma condensação de veia comica. Vel-o e rir, é obra de um instante.

Todo o conjuncto, bom.

As caracterisações bastantes regulares.

Os córos bem ensaiados.

A concurrencia do publico ás *Notas recolhidas* tem sido grande — com o que muito folgamos — para que não, justifique a grevisão de que a peça perdes por ser fina de mais.

Felicitando os auctores, que estreiam no theatro com as *Notas recolhidas*, dir-lhes hemos, que aquillo não parece obra de novatos. Quem começa assim, tem, de um passo, attingido o ponto em que muitos acabam.

Um bravo!

Domingo ultimo, realisaram-se no Polytheama, de tarde e á noite, as touradas organisadas pelo artista Pontes.

A concurrencia foi regular aos dois espectaculos.

Os touros deram boas sortes e os capinhas e forcados fizeram maravilhas.

**

Inaugurou-se Quinta-feira, o novo theatro Variedades (ex-Phenix Dramatica).

A empresa, organisada pelo sympathico actor Guilherme da Silveira levou á scena o drama de Eugéne Sue, *O mysterios de Paris*, que muito agradou e que está em boas condições para fazer voltar ao antigo theatrinho *bourvardier*, aos bons tempos das suas continuas enchentes.

**

A associação dos *Concertos populares*, realisou domingo, no S. Pedro de Alcantara, um concerto extraordinario, que é como que a symphonia a abertura, de uma boa serie de sessões de musica, como as que o anno passado tanto deleitaram os amadores.

A concurrencia não foi grande. Tambem o nosso publico está acostumado a entrar no theatro em meio do 1.º acto...

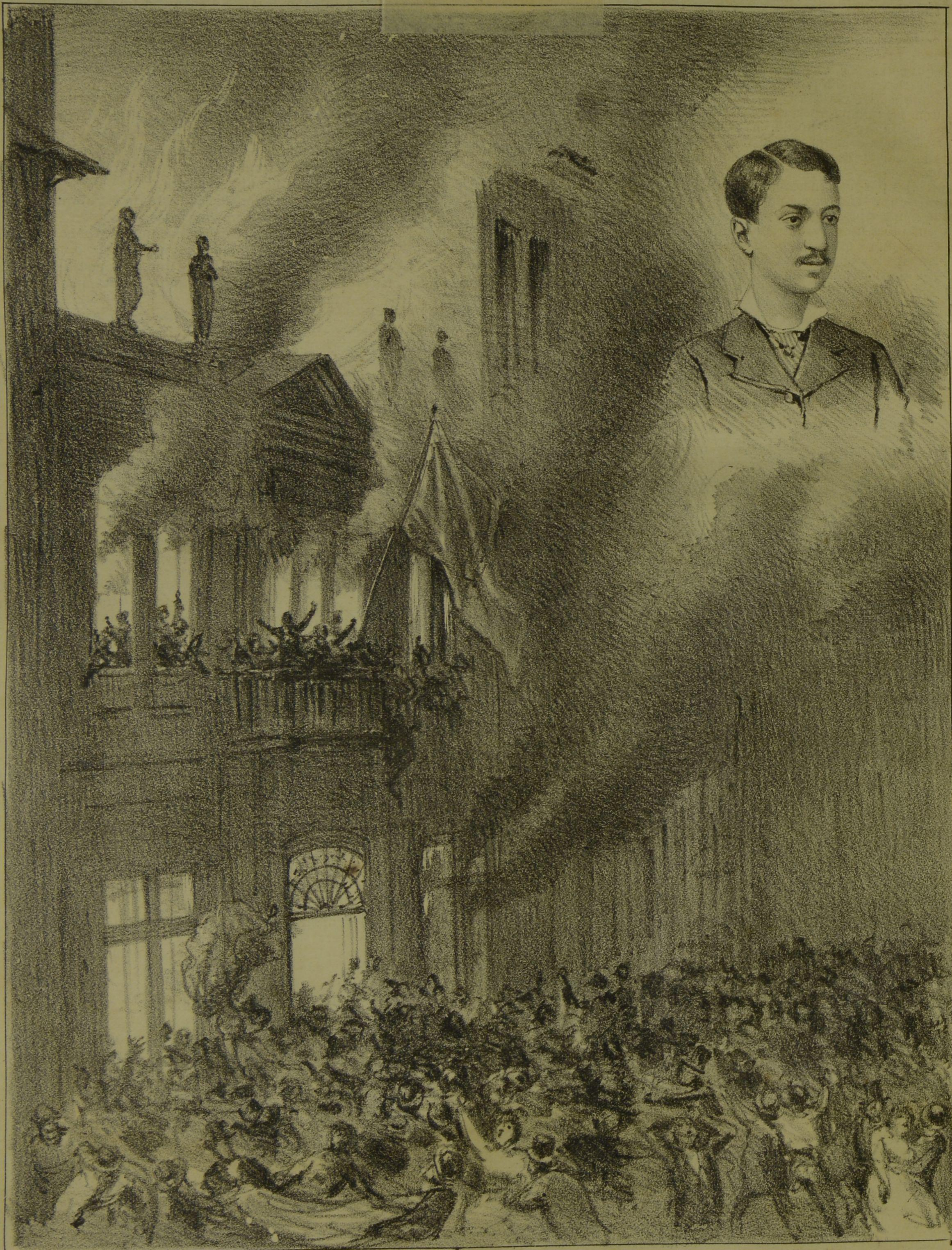
Binoculo.

Aviso

Aos nossos assignantes que se acham em atrazo, rogamos a fineza de mandarem regularisar suas contas, podendo fazel-o em carta registrada, pelo correio ou por qualquer outro modo, pelo que, desde já, lhes apresentamos os nossos agradecimentos.

A ADMINISTRAÇÃO.

Typ. de J. BARBOSA & C. r da Ajuda 31



*Incendio do theatro Baquet do Porto, na noite de 21 de Março de 1888.
(Extrahido de uma publicação illustrada da mesma cidade.)*

*Guilherme Louzada Marçal,
natural do Rio de Janeiro. Estudante
na Escola Polytechnica. Victima do
incendio.*